

## MEMÓRIAS DE MILITANTES FEMINISTAS NO MUNICÍPIO DE PELOTAS/RS

ADRIANA LESSA CARDOSO<sup>1</sup>; Orientadora MÁRCIA ALVES DA SILVA<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – adrianalessacardoso@gmail.com*

<sup>2</sup>*Nuniversidade Federal de Pelotas – profa.marciaalves@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Objetivamos com o estudo analisar as memórias de mulheres, focando em suas experiências na militância política voltada aos direitos das mulheres. Este trabalho é um recorte de uma pesquisa intitulada “Representações de gênero de mulheres idosas: memórias de formação, aprendizagens e (auto)biografias”, tendo como intenção valorizar as memórias de mulheres que construíram o movimento feminista na cidade de Pelotas/RS, dando visibilidade às suas trajetórias de vida e militância em suas contribuições históricas.

A pesquisa utiliza o referencial feminista descolonial vinculada à resistência do sistema mundo globalizado capitalista. Nessa perspectiva, a raça e o gênero foram construídos como possibilidade de dominação e exploração pelo colonizador, assim uma expressão de controle da cultura, do trabalho, dos recursos e produtos (QUIJANO, 2010). Há neste referencial da colonialidade um reconhecimento das múltiplas relações entre continentes, com inúmeras e descontínuas influências culturais e políticas, onde se desenvolve o eurocentrismo e um processo de subordinação do sul em relação ao norte, exercendo um domínio da América-latina, tanto no campo econômico como cultural e social.

De acordo com Francesca Gargallo, é árduo falar sobre um feminismo latino-americano.

El feminismo es en sí un movimiento internacional e internacionalista. Sus ideas nunca han sido consideradas específicas de un grupo o de un ambiente, sin embargo, es bastante obvio que ciertas experiencias han marcado la historia del movimiento: las vividas por las sufragistas en Gran Bretaña y Estados Unidos durante el siglo XIX, y en la Europa continental, Inglaterra y Estados Unidos durante el siglo XX. Estas experiencias han generado y han sido influidas por teorías que abrevaban en pensamientos de fuerte raigambre local. El feminismo latinoamericano debe entenderse como proyecto político de las mujeres y como movimiento social, a la vez que como teoría capaz de encontrar el sesgo sexista en toda teorización anterior o ajena a ella (2004, p. 12).

Uma forte caracterização do feminismo latino-americano está ligada às lutas por liberdade política, durante as ditaduras, no momento histórico em que as pautas feministas estavam eclodindo. No Brasil, tínhamos também uma grande proliferação de atividades contra a violência de mulheres. Os movimentos não queriam mais mulheres mortas em nome da honra e da cultura patriarcal.

Pretendemos abordar tal contexto a partir de uma visão local, porém em relação dialética entre local e global. Pelotas é um município situado ao sul do Brasil, terceira cidade mais populosa do Rio Grande do Sul. De acordo, com os dados da Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul, o município apresenta elevado índice de violência contra a mulher se comparados a outros

municípios<sup>1</sup> (SSP/RS, 2018). Nos anos 1980 é criado a ONG Grupo Autônomo de Mulheres – GAMP na cidade pesquisada, grupo ainda atuante no combate a violência contra as mulheres. Também neste período temos a criação do Conselho Municipal da Mulher e da Casa de Acolhida para as mulheres vítimas de violência. As sujeitas deste estudo fizeram parte deste movimento, portanto, ressaltamos a importância de se conhecer e resgatar a história de construção do movimento das mulheres-feministas a partir das histórias de vida e memórias na participação ativa delas pelos direitos das mulheres.

## 2. METODOLOGIA

Pesquisar sobre mulheres que construíram uma trajetória de luta social, implica posicionamentos políticos e éticos, neste sentido optamos pela metodologia de história de vida com ênfase nas narrativas. Esse modo de pesquisar implica ser sensível ao outro, a complexidade e ao contexto social em que se vive. Segundo Eggert, quando pesquisarmos outras mulheres, identificamos pontos que nos levam invariavelmente a pensar em nós mesmos, além de também desencadearmos questões nas mulheres pesquisadas (2012, p.62).

O corpus da pesquisa é constituído através de entrevistas narrativas individuais, com quatro mulheres que atuaram politicamente nos anos 1980 no município de Pelotas, atualmente essas mulheres possuem mais de 60 anos. Reconhecendo a importância formativa dessas mulheres, que contribuiu na formação de diversas gerações, pensamos ser fundamental nos apropriarmos dessas construções.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da história de vida de quatro mulheres Sofia, Ana, Rosa e Maria<sup>2</sup>, suas trajetórias nos levam a intersecção que ocorreu principalmente na militância política, sindical e feminista. Além de serem mulheres, com distintas condições sociais, de raça e classe social, buscamos uma intersecção com outros marcadores sociais, como por exemplo, o envelhecimento, família, trabalho entre outros.

Las mujeres comparten como género la misma condición histórica, pero difieren en cuanto a sus situaciones de vida y en los grados y niveles de la opresión. Las diferencias entre las mujeres derivadas de su posición de clase, de su acceso a la tecnología de su relación con las diferentes sabidurías, de su modo de vida rural, selvático o urbano, son significativas al grado de construir grupos de mujeres: el grupo de las mujeres sometidas a la doble opresión genérica y de clase [...] (LAGARDE DE LOS RIOS 2015, p. 59).

A autora nos indica a pensar, por meio dos relatos das histórias de vida, que o que aproxima essas mulheres na luta contra as desigualdades e os preconceitos é a luta pelos direitos das mulheres, pois suas trajetórias de vida são diferentes. Maria, Sofia e Ana cursaram ensino superior, Sofia fez o curso de

<sup>1</sup> Os dados podem ser consultados na página da Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul.

<http://www.ssp.rs.gov.br/indicadores-da-violencia-contra-a-mulher>

<sup>2</sup> Para preservar suas identidades optamos por utilizar nomes fictícios.

Assistente Social, Ana Letras e Maria Arquitetura. Rosa saiu de uma comunidade quilombola da região com 11 anos, e passou a frequentar a escola na área urbana da cidade, aonde se alfabetizou. Ela se descreve como sendo negra, mulher trabalhadora, doméstica, sindicalista e pobre, não como vítima, mas como mulher que lutou e ainda luta para valorizar seus espaços de trabalho. Trazer a identidade da Rosa como mulher negra e pobre é importante para destacar os marcadores da tripla opressão: gênero, classe e raça. Neste sentido, Curriel (2007) destaca a importância do feminismo negro para repensar práticas feministas que desconsideram a tripla opressão. A respeito da intersecção entre as quatro mulheres, podemos indicar o gênero e a militância política que ocorreu por meio dos sindicatos, movimento estudantil e pela comunidade de base da Igreja Católica.

De acordo com as narrativas podemos inferir que todas, apesar das diferenças culturais, sofreram algum tipo de discriminação de gênero, desde dificuldade de sentirem-se segura para se posicionar em público, até por suas tomadas de decisões pessoais como, por exemplo, optar por não constituir uma família ou mesmo manter uma relação afetiva, considerando que existe uma cobrança social pela família “tradicional”; a difícil decisão sobre a maternidade entre outras formas de opressão que são cotidianamente e sutilmente impostas para mulheres que subvertem o patriarcado.

O empoderamento da mulher desafia relações familiares patriarcais, e é necessário estar em espaços democráticos e participativos, como as organizações das mulheres, para gerar visões alternativas (DEERE, 2002). Para as mulheres desta pesquisa, estar atuante possibilitou um empoderamento pessoal, mas sobretudo possibilitou um empoderamento coletivo ao fortalecerem o movimento feminista. De acordo com elas, após um episódio de violência de gênero<sup>3</sup>, que mobilizou as mulheres da cidade, principalmente as que já se articulavam nos sindicatos e outros movimentos sociais e coletivos, se abriu uma porta para as pautas feministas, no caso a violência de gênero. Entre as ações defendidas foi criado GAMP, uma ONG – Organização não governamental, que as quatro mulheres investigadas participaram. Também tivemos a criação da Delegacia da Mulher e outros espaços de promoção de direitos das mulheres, como uma Casa de Acolhida às mulheres vítimas de violência e o Conselho Municipal da Mulher.

De acordo com Lagarde y de Los Rios (2015), a paz é uma chave feminista frente à violência, paz cotidiana, conjugal, familiar, social, entre outras, o direito a vida e a vida sem violência. A autonomia e a afirmação de gênero são requisitos para a sororidade. Analisando as narrativas podemos concluir que existe uma busca por sororidade, não só entre si (enquanto mulheres de luta), mas também com outras mulheres que muito precisam de apoio, estar juntas por um ideal maior, mesmo que seja concretizado em pequenas ações possibilita uma educação feminista. Segundo a autora, sororidade não é algo dado, natural, mas construído, e é necessária uma educação para desenvolver uma empatia de gênero.

#### 4. CONCLUSÕES

---

<sup>3</sup> O episódio foi o assassinato de uma jovem mulher, estudante universitária que foi assassinada pelo seu ex-companheiro – que não aceitava a separação, o crime ocorreu nos anos 1980 na cidade e foi o disparador de diversas mobilizações de mulheres pedindo justiça neste caso.

Destacamos a importância de se conhecer e registrar a história de construção do movimento feminista a partir das histórias de vida e memórias das mulheres que participaram ativamente dessa trajetória no município de Pelotas.

Sofia, Ana, Rosa e Maria permanecem ativas na militância, e buscam fazer relações das suas trajetórias e experiências com a atualidade. São discretas ao falar sobre sua vida privada, valorizando os acontecimentos públicos da inserção nos movimentos estudantis, sociais e sindicais. Sobre o movimento feminista consideraram que ao mesmo tempo em que avançamos em algumas pautas, outras ainda continuam estagnadas. Como principal avanço apontaram o crescimento das mobilizações por meio das redes sociais e as permanências, a luta contra a violência doméstica.

Concluímos que ainda temos muito para lutar e despatriarcalizar as instituições e a cultura. Corroboramos com a ideia de Lagarde y de Los Ríos (2015) que a influência cultural do feminismo possibilita reunir mulheres em torno de uma causa maior, como a luta por direitos e equidade de gênero.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURIEL, Ochy. **Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista.** Colombia: Universidad Central, 2007.

EGGERT, Edla. **Artesãs, histórias de vida e fios criadores: quando o biográfico e o autobiográfico se encontram.** In: EGGERT, Edla. FISCHER, Beatriz Dautd. Gênero, geração, infância, juventude e família. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUC; Salvador EDUNEB, 2012.

GARGALLO, Francesca. **Las ideas feministas latino americanas.** Ediciones fem-e-libros, 2004.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Los Cautiveiros de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas.** México: Siglo XXI Editores, 2 ED., 2015.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa Santos; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010.